

## APRESENTAÇÃO

*Olho d'água*, v. 12, n. 2, 2020

Neste volume, a revista **Olho d'água** apresenta as seções *Varia* e *Dossiê*, no qual propõe uma reflexão sobre as relações entre Literatura, Corpo e Biopolítica. Em sua *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*, Michel Foucault remonta à Idade Média, quando o governo, centralizado na figura do rei, detinha o poder sobre a vida de seus súditos, determinando inclusive quem tinha o direito de permanecer vivo e quem deveria morrer, seja servindo aos exércitos, seja por meio da pena de morte. Na passagem para a modernidade, contudo, este poder sobre a vida se torna mais difuso e menos centralizador. Ele continua existindo, mas por outros meios que elegem, sobretudo, o corpo como objeto último que deve ser controlado, mensurado e vigiado. Deste modo, estabelecem-se saberes sobre o corpo que passam desde o discurso médico e jurídico até a instituição de comportamentos considerados socialmente válidos, sobretudo em relação à sexualidade. Criam-se inúmeros meios de controle sobre a vida, com o estudo de estatísticas, expectativa de vida, natalidade, saneamento etc., que têm como resultado um crescimento populacional nunca experimentado. Como consequência, no entanto, é preciso estabelecer normas e condutas para poder gerenciar estas “vidas a mais” que passaram a integrar o corpo social.

Este processo é ilustrativo das diferentes formas de atuação de forças políticas e sociais que incidem sobre o corpo, seja por meio de violência, submissão ou opressão física, ou, ainda, por meio do controle dos processos vitais. Neste sentido, propomos a reflexão sobre estas questões e sobre como elas estão presentes na literatura. Desde a representação da violência em regimes autoritários até as limitações pessoais e coletivas implicadas em processos traumáticos, como aqueles experimentados por meio de doenças, prisões, guerras, escravidão, tortura ou outras formas de conflito.

O conjunto de artigos que aqui apresentamos, contudo, parece ter elegido por conta própria um outro objeto de reflexão, constituindo-se quase como um objeto autônomo no conjunto das relações entre corpo e biopolítica. Trata-se, como veremos a seguir, da reflexão sobre as mais variadas esferas da experiência que atravessam o corpo feminino. Presente na maioria dos artigos que compõem o *Dossiê* e, ainda, em outros dois artigos da seção *Varia*, vemos este corpo-mulher emergir como objeto de reflexão por excelência e ocupar um espaço não previsto e espontaneamente reivindicado. Como não poderia deixar de ser, o corpo feminino é atravessado por diferentes dimensões da experiência relacionados ao controle e à mensuração, mas também à superação dos limites que lhes são imputados. Deste modo, na coletânea de textos que passamos a detalhar a seguir, podemos verificar a imagem do corpo da mulher perpassado pela doença, pela política, pela sexualidade, pelo comportamento, pela negritude, pela violência, pela guerra etc.

O artigo que abre o *Dossiê*, “El cuerpo se escribe como un gesto ineluctable”, de Agustina Craviotto Corbellini, trata da obra da escritora e fotógrafa argentina Gabriela Liffschitz, destacando o processo de reelaboração de si e de seu próprio corpo após a experiência limite

da doença, durante o tratamento de um câncer de mama. A artista publica uma série de fotos em que expõe seu próprio corpo desnudo após a mastectomia, por meio da qual, na análise da autora do artigo, possibilita a elaboração de um novo corpo entre palavra e imagem.

Em seguida, Angela Rodriguez Mooney, em seu artigo “Representação da guerrilheira na literatura brasileira contemporânea: um território de disputas, repetições e apagamentos”, se dedica a investigar como a personagem guerrilheira é construída na literatura brasileira, elegendo para tanto um *corpus* de sete romances que abrangem o período de 1973, auge da ditadura militar no Brasil, até 2011, período em que o trabalho de memória da ditadura ainda está em elaboração. Mooney pretende identificar os signos vinculados a essas mulheres transgressoras, que insurgiram contra os aparatos violentos da repressão e imprimiram uma ruptura em relação aos valores patriarcais.

O terceiro artigo, “Uma estética da aniquilação: políticas de vida e de morte em ‘La parte de los crímenes’, de Roberto Bolaño”, publicado pelos autores Antonio Carlos Batista da Silva Neto e Wanderlan Alves, analisa o tratamento dado aos corpos de mulheres encontradas mortas, no conto do escritor chileno. Para tanto, discutem a figuração desses corpos assassinados a partir dos conceitos de biopolítica e, mais especificamente, de necropolítica.

Antonio Márcio Monteiro Gueiros, no artigo “Batismo de sangue: um testemunho composto por muitas vozes”, dedica-se à leitura do livro *Batismo de sangue*, que apresenta o testemunho de Frei Betto sobre sua militância contra o regime militar, no Brasil. Mobilizando as noções de trauma individual e coletivo, o autor do artigo procura decifrar as camadas narratológicas utilizadas por Frei Betto para compor um relato confessional que marca sua geração.

“Entre o dia e a noite: a dualidade em ‘La Morte amoureuse’, de Théophile Gautier”, de Camila Cristina dos Santos, apresenta uma leitura de um conto fantástico do artista francês e analisa a ideia do duplo esboçada na constituição do personagem principal, dividido entre a vida religiosa e o sentimento amoroso. A autora recorre à perspectiva foucaultiana sobre a sexualidade, que se constitui por discursos reguladores, para analisar, especialmente, a figura feminina de Clarimonde – que se apresenta como uma amante irresistível, responsável por desviar o protagonista de sua vida dedicada à Igreja.

Fernando Pisoni Zanaga, em “As práticas higienistas no Rio de Janeiro do início do século XX através das crônicas de Lima Barreto” procura identificar, nas crônicas do escritor brasileiro, as práticas higienistas aliadas a perspectivas racistas utilizadas no processo de urbanização do país ainda na Primeira República. Por meio deste projeto, a elite buscava conduzir um processo modernizador ao transplantar ideias europeias.

Em “Identidades nacionais em transmutação: uma literatura da diferença em *Todos nós adorávamos caubóis* e *Enquanto os dentes*”, as autoras Gisele Novaes Frighetto e Beatriz Passos Trimer apresentam uma reflexão sobre as possíveis transformações da noção de identidade nacional em contraposição à heterogeneidade representada na ficção brasileira contemporânea. A presença de corpos não normatizados ou *queers* desafia os padrões convencionados na produção literária e abre possibilidade para afirmação da diferença.

Em seguida, Maria Luiza Germano de Souza, em seu artigo “Corpo, poder e resistência em ‘Estrela’ e ‘Inocência perdida’ de Maria Tereza Horta”, visa discutir como funcionam os

processos de opressão sobre as personagens femininas que protagonizam as narrativas da escritora portuguesa. Em sua leitura, a autora procura demonstrar de que maneira o corpo se vincula a outras proposições que transitam por espaços de luta, poder, violência e domínio, num conflito entre a sexualidade das protagonistas e a regulação dos corpos, empreendida ora pelo Estado, ora pela família.

Na mesma linha de reflexão sobre corpo e controle social, o artigo “O corpo e o poder nas poesias de Conceição Evaristo e de Elisa Lucinda”, de Patrícia de Paula Aniceto e Nícea Helena de Almeida Nogueira, analisa a obra poética das escritoras brasileiras a partir de um ponto de vista decolonial e da afirmação da negritude. Para as autoras do artigo, diante da vulnerabilidade e dos efeitos do poder, a voz lírica ora demonstra a subjugação do corpo violentado, ora sua resistência.

Renan Marques Isse, no artigo “Quando a violência sexual se torna prazerosa: uma leitura masochiana do masoquismo”, retoma a obra do austríaco Leopold von Sacher-Masoch, que se tornou conhecida ao ser reduzida a uma leitura simplista, como ilustração do masoquismo, este, por sua vez, identificado como uma perversão sexual que deve ser condenada. Neste artigo, o autor pretende analisar o romance de modo a questionar esta visão simplista sobre o masoquismo e demonstrar de que maneira o romance complexifica questões pertinentes à sexualidade. Aqui, novamente, chama a atenção a presença da personagem feminina, com quem o protagonista estabelece o jogo sexual e que aceita assumir este papel dentro da relação.

No encerramento no *Dossiê*, o artigo “Masculinidades fora do lugar: gênero e deslocamentos em *Valmiki's Daughter* (2008) de Shani Mootoo”, de Thiago Marcel Moyano, baseando-se nos estudos de gênero, procura discutir um elemento usualmente relegado a segundo plano neste campo discussão: a masculinidade. O trabalho analisa a constituição de masculinidades no romance da escritora indo-caribenha, por meio do qual acredita ser possível elaborar uma crítica de gênero a partir da desconstrução de um ideal de masculino corporificado na figura do homem branco.

Na abertura da seção *Varia*, Ana Cristina Joaquim estabelece uma relação entre poesia e artes plásticas. “A ética da criação entre duas distâncias: violência e sacrifício em Herberto Helder e Rui Chafes” reflete sobre os processos criativos dos dois artistas portugueses e identifica religiosidade e violência como formas a partir das quais se pode erigir um debate sobre a ética. A autora se norteia por “uma projeção de distância”, expressão que ela toma de empréstimo, para pensar justamente o desafio ético de “aproximar sem eliminar a distância”. Este gesto aponta para uma das necessidades do presente.

Também interessado em discutir violência, mas a partir de um outro ponto de vista, o artigo “O abatedouro e os abatidos de Ana Paula Maia: um estudo das representações da violência em *De gados e homens*”, de Diego Kiill e Antonio Guizzo, analisa as formas de representação e constituição da violência no romance da escritora fluminense. A brutalidade das cenas do romance recebe destaque na leitura ao aproximá-la, por um lado, do cinema, e de outro, do realismo e do naturalismo brasileiros.

Fábio Martinelli Casemiro em seu artigo “*Magma* ou o diário de campo lírico” dedica-se à interpretação e avaliação da recepção crítica do único livro de poemas de Guimarães

Rosa. Diante da relevância de sua narrativa para a literatura brasileira e, em especial, para o modernismo, sua poesia acabou sendo pouco estudada. O autor do artigo propõe uma leitura desta poesia a partir de uma perspectiva telúrica, por meio da qual procura revelar o olhar do escritor sobre a natureza, tratando as particularidades culturais e étnicas dos povos originários.

Em seguida, o artigo “Uma mulher no campo de batalha: Penteseleia em *Ephemeris belli Troiani*, de Díctis Cretense”, de Gelbart Souza Silva, veremos o reaparecimento do corpo feminino como objeto central de interesse. O autor do artigo analisa um romance datado do século IV d. C. que remonta à tradição grega para demonstrar que o narrador da obra apresenta uma abordagem moralizante e uma caracterização do gênero feminino como destrutivo e ameaçador. O artigo recupera o mito das amazonas, mulheres guerreiras, e em especial, Penteseleia, uma mulher que sofre punição severa por ousar ocupar o espaço da guerra, função tradicionalmente exercida por homens.

Gilberto Clementino de Oliveira Neto, no artigo “Sertão, llano e outras fronteiras: duas leituras da Ecocrítica” analisa as formas de interação entre as instâncias humana e não-humana em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e no conto “Luvina”, de Juan Rulfo. O autor do estudo demonstra de que maneira outras formas de vida cumprem uma função narrativa, nestas obras, que aproximam a esfera humana e o mundo natural, desafiando modelos epistêmicos logocêntricos, que veem o mundo natural apenas como local de ação da vontade humana.

Em “O pacto com os poderes ocultos no cerne da experiência moderna”, de Lucas Silveira Fantini da Silva, o autor elabora uma leitura de *Fausto*, do escritor alemão Goethe, por meio da qual tece uma crítica sobre as relações de produção da sociedade burguesa moderna. Ele ressalta os aspectos malignos e demoníacos presentes no ímpeto desenvolvimentista do capital. O autor se baseia, sobretudo, na leitura de Marshall Berman, em sua crítica ao desenvolvimento moderno na referida tragédia alemã, e Terry Eagleton, cujo trabalho sobre o trágico aborda o conceito de demoníaco.

Por fim, o artigo de Rodrigo Soares de Cerqueira, “Três meninas de Macedo: dissidência e autoridade nos primeiros romances brasileiros”, retoma três obras do escritor brasileiro, que abrangem o período de 1844 a 1863, para demonstrar de que maneira as mudanças no que dizem respeito à representação da moral e do comportamento feminino atendem a um movimento de regresso conservador, em ajuste com a ideologia senhorial do período. Em uma análise detalhada, acompanhamos uma acentuação progressiva do conflito entre as protagonistas femininas e a autoridade patriarcal, em cada uma das obras.

Encerro esta breve apresentação com meus sinceros agradecimentos a todos e todas que contribuíram com a realização deste número. Em especial, aos professores e pesquisadores que avaliaram os artigos e às equipes de revisores.

Boa leitura!

Milena Mulatti Magri